
“Ori Or Not Ori:
Eis A Questão”

Abilio Ferreira



O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

Esse é o título de um artigo veiculado em "Faça a coisa certa: o combate ao racismo em movimento"; publicação de 42 páginas organizada pela então recém-criada Secretaria Nacional de Combate ao Racismo (SNCR) do Partido dos Trabalhadores (PT), que circulou encartada na edição n.31, em abril de 1996, da revista "Teoria e Debate", editada pela Fundação Perseu Abramo, instituição criada naquele mesmo ano para funcionar como laboratório de ideias, gabinete estratégico, centro de pensamento, reflexão e desenvolvimento de projetos de caráter político-cultural para o partido.

O artigo, bem como o enunciado que o nomeia e que, convenhamos, tem a autonomia de uma obra literária em si mesma, é do escritor paraibano Arnaldo Xavier, que viveu muitos anos radicado no bairro paulistano do Bixiga. Arnaldo era um amigo e interlocutor com quem tive a oportunidade de partilhar uma longa e fecunda experiência intelectual e existencial. Morreu precocemente aos 56 anos, em 2004, quando Sampa completava quatro séculos e meio de existência, e exatamente duas décadas depois de termos sido apresentados um ao outro, ainda que, num primeiro momento, como veremos mais adiante, não pessoalmente, mas sob a sempre oportuna mediação da literatura.

Para além de confirmar a expectativa criada pelo enunciado arnaldiano – isto é, de que ele se inscreve criticamente numa tradição cultural em que dialogam o *Tupi or not tupi*, do poeta modernista brasileiro Oswald de Andrade (1928), e o *to be or not to be* do dramaturgo inglês William Shakespeare (1599/1601) –, o propósito da presente reflexão é interpretar menos o conteúdo do artigo ou da publicação propriamente e mais a “transgressão” com que “Axévier” (era assim que ele costumava autografar os seus livros) contribuiu para os objetivos daquele empreendimento editorial. O poeta e pesquisador Ronald Augusto (2023, p.150) explica:

O compósito verbal transgressão, cunhado por ele, tenta dar conta – através da justaposição dos vocábulos (transgressão + negro), ao estilo da montagem cinematográfica – de uma proposta estética interessada em lesar tanto as ideias feitas que orientam nossas filosofias de vida, quanto à imagem de um cânone totalizante, "universal", vantajoso (para quem?) a ponto de poder ser aplicado em qualquer tempo-espaco.

Veremos aqui, portanto, em pleno acontecimento, essa operação, que identifico, para seguir a mesma referência do transgressor em questão, como um fenômeno discursivo: “um modo de aproximação dos textos sociais a partir de uma ótica centrada sobre o campo de circulação dos enunciados uma vez produzidos ou em situação de produção” (Sodré, 1983, p.9). O próprio Xavier afirma, já no início de *Ori or not ori*, que é impossível discutir cultura negra hoje no Brasil – propósito da sua experiência radical de linguagem –, “sem a referência

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

obrigatória do livro de Muniz Sodré, 'Verdade Seduzida" (Xavier, 1996, p.30).

Assim, é preciso ressaltar, por exemplo, que, se prefiro chamar São Paulo pelo apelido "Sampa" é porque ele diz muito mais sobre a vida da população do que o nome oficial da cidade, a despeito de concordarmos ou não se Rita Lee é mesmo a sua mais completa tradução, como crê o narrador da canção de Caetano Veloso, gravada no LP “Muito – Dentro da Estrela Azulada”, de 1978.

<div></div>	Sampa
<div></div>	
<div></div>	Alguma coisa acontece no meu coração <p>Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João</p> <p>É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi Da dura poesia concreta de tuas esquinas Da deselegância discreta de tuas meninas</p>
<div></div>	
<div></div>	Ainda não havia para mim Rita Lee <p>A tua mais completa tradução</p> <p>Alguma coisa acontece no meu coração Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João</p>

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes

<div></div>	E foste um difícil começo <p>Afasta o que não conheço</p> <p>E quem vem de outro sonho feliz de cidade Aprende depressa a chamar-te de realidade Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas Da força da grana que ergue e destrói coisas belas Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba</p> <p>Mais possível novo quilombo de Zumbi</p> <p>E os novos baianos passeiam na tua garoa</p> <p>E os novos baianos te podem curtir numa boa</p>
---------------------------------------	---

De todo modo, no mesmo ano do lançamento de Sampa, Arnaldo Xavier participou de uma antologia intitulada “Contra mão” (1978), curiosamente o mesmo título do livro de Walter Benjamim (“Contramão” ou “Rua de mão única”, 1928), que o teórico da literatura alemã Willi

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

escreveu (1978, p.27):

<div></div>	São Pálido
<div></div>	
<div></div>	um dia no rio tietê correu sangue como correu no rio volga como correu nos esgotos de varsóvia como correu nos vales da áfrica (e suas veias borbulhavam gemidos) lá pras bandas de são miguel paulista
<div></div>	
<div></div>	correu sangue e o sangue foi confundido com leite e as mamadeiras percorreram os corpos deitados sobre os trilhos enquanto as locomotivas não vinham (cheias de vidas)
<div></div>	
<div></div>	sangue confundido com leite no vice-versa de putas cabras que amamentavam a radial leste de afeto

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

Bolle (1992, p.137) interpreta como “um livro de iniciação à leitura da grande cidade contemporânea”, permitindo refletir “sobre o ofício do escritor na Modernidade”. Xavier escreveu (1978, p.27):

<div></div>	São Pálido
<div></div>	
<div></div>	um dia no rio tietê correu sangue como correu no rio volga como correu nos esgotos de varsóvia como correu nos vales da áfrica (e suas veias borbulhavam gemidos) lá pras bandas de são miguel paulista
<div></div>	
<div></div>	correu sangue e o sangue foi confundido com leite e as mamadeiras percorreram os corpos deitados sobre os trilhos enquanto as locomotivas não vinham (cheias de vidas)
<div></div>	
<div></div>	sangue confundido com leite no vice-versa de putas cabras que amamentavam a radial leste de afeto

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

Além disso, a proposta de vanguarda estética da Poesia Concreta, liderada por Décio Pignatari e pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e "espaços", era acompanhada bem de perto pelo poeta. Daí a importância de destacar o bairro do Bixiga onde ele, nordestino de Campina Grande (PB), estava há muitos anos radicado. Só mesmo operadores radicais da experiência da linguagem, como o Teatro Oficina, a que o narrador de Sampa também faz referência, para propor e defender a ideia de um Parque do Rio Bixiga,² “deuses da chuva” no meio do concreto, em oposição à “força da grana” do Grupo Silvío Santos.

Também é de 1978 o lançamento do Movimento Negro Unificado (MNU) contra a Discriminação Racial, que espalhou Brasil afora a narrativa do 20 de novembro, responsável pela desconstrução do mito da democracia racial brasileira. Proposto pelo Grupo Palmares, coletivo negro-

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

é de 1978 o lançamento do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, que espalhou Brasil afora a narrativa do 20 de novembro, responsável pela desconstrução do mito da democracia racial brasileira.

O livro de 1996, Teoria e Debate, editado pela Fundação Perseu Abramo, instituiu o termo "transgressão" para se referir ao racismo.

-literário de Porto Alegre (RS),³ em 1971, o 20 de novembro, dia em que Zumbi dos Palmares foi emboscado e morto, em 1695, é na verdade uma contranarrativa que afirma a autonomia da população negra sobre o próprio destino, em oposição à tutela do Império, representada pela Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, apelidada de “áurea”. Em 1978, também foi lançado o primeiro dos atuais 45 volumes da antologia “Cadernos Negros”, editada, a partir de 1982, pelo grupo Quilombohoje Literatura, outro coletivo negro-literário, só que fundado em Sampa, em fevereiro de 1980, no Mutamba, bar e restaurante então localizado na Rua Major Quedinho nº 112, também no Bixiga. Neologismo “formado pela aglutinação entre um substantivo de conteúdo político (quilombo) e um advérbio de tempo (hoje)”, o termo Quilombohoje afirma o quilombo como um fenômeno “em permanente atualização e disputa [...], estruturante não só da nossa personalidade individual, mas também da identidade coletiva da nossa existência em sociedade” (Ferreira, 2018, p.7).

A última estrofe de Sampa, portanto, já não era apenas uma possibilidade – de Porto Alegre (Grupo Palmares, 1971) para as escadarias do Teatro Municipal de São Paulo (MNU, 1978), passando pelas fortes manifestações de rua contra as comemorações oficiais do centenário da abolição da escravatura (1988), essa contranarrativa acabou por se consolidar, quase duas décadas e meia depois da sua proposição, no Tricentenário da Imortalidade de Zumbi dos Palmares,⁴ celebrado em 1995.

Todo esse contexto, expresso nos recursos de linguagem mobilizados pelo Movimento Negro na “fascinante batalha pela conquista das mentes e corações” (Rossi, 1981, p.7) da militância petista, que afinal constitui o principal público leitor de “Teoria e Debate”, está representado na capa, no sumário e na contracapa do encarte reproduzidos nas próximas páginas. Vemos que o título da publicação

Sumário

3 Apresentação
Flávio Jorge Rodrigues

6 Políticas antidiscriminatórias ou de promoção da igualdade?
Hélio Silva Junior

12 Os 300 anos de Zumbi e os quilombos contemporâneos
Lúcia M. M. de Andrade

17 Mulheres negras e branquitude
Mariana Aparecida Silva Bento

22 Juventude negra: geração herdeira de lutas e conquistas
Sueli Chan Ferreira

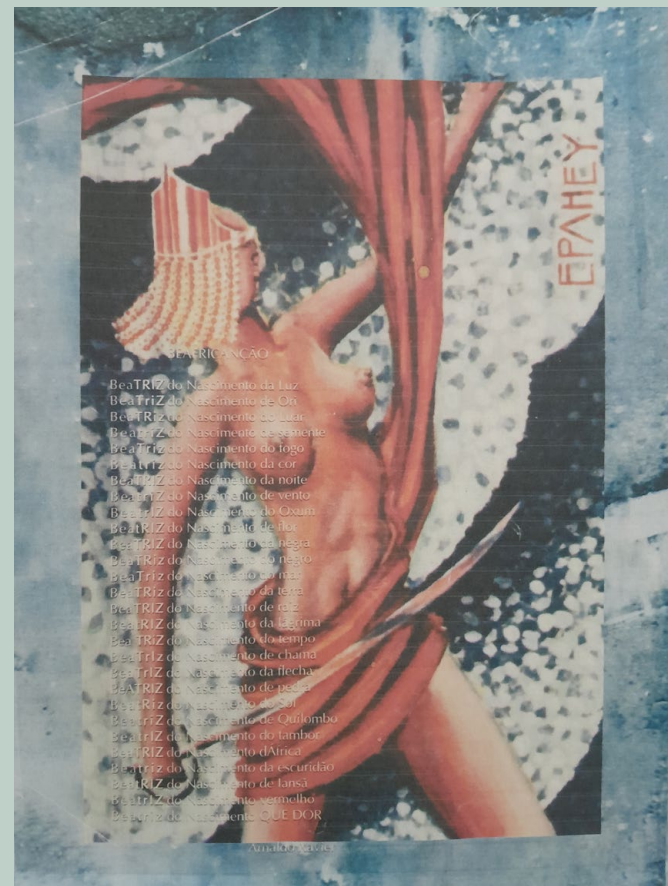
25 Candomblé, luta, cultura e identidade
Jorge Luiz Carneiro de Macedo

30 Ori or not Ori: eis a questão
Arnaldo Xavier



O título da publicação evoca o filme clássico de Spike Lee "Faça a coisa certa", de 1989. O subtítulo afirma o projeto de autonomia do Movimento Negro Brasileiro em face da estrutura partidária, representada pela Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT. Fonte: Capa de "Faça a coisa certa! O combate ao racismo em movimento" (SECRETARIA... 1996).

A força expressiva da combinação entre as linguagens verbal e não verbal é um dos pontos fortes da publicação. Fonte: "Faça a coisa certa!..." (SECRETARIA... 1996, p.1).



O poema "Beafricanção" confunde-se com a imagem de lansã, de modo a tornar complementares e inseparáveis as modalidades verbal e não verbal, sugerindo, inclusive, uma coautoria entre o poeta e o ilustrador. Fonte: Quarta capa de "Faça a coisa certa!..." (SECRETARIA... 1996).

Sua morte foi um dos fatores que provocaram o famoso ato das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, que por sua vez resultou na já citada criação do Movimento Negro Unificado

evoca o longa-metragem do diretor estadunidense Spike Lee, que já em 1989 denunciara a prática policial de matar homens negros por asfixia, tal como ficaria notório trinta anos depois, em maio de 2020, com a visibilidade do caso George Floyd. O ponto alto do filme "Faça a coisa certa" é a morte do jovem negro Radio Raheem, asfixiado por um policial branco no distrito nova iorquino do Brooklyn.

Logo no mês seguinte ao assassinato de Floyd, o cineasta já lançava em rede nacional, nos EUA, o curta de um minuto e meio "3 Brothers: Radio Raheem, Eric Garner and George Floyd", que intercala imagens da obra de ficção com as do noticiário, incluindo as da morte de Garner, em 2014, de forma semelhante às de Raheem e Floyd.⁵ Situada a meio caminho entre o longa e o curta, a escolha do título da publicação acaba por afirmar não só a circularidade do tempo e a permanência da opressão, mas também a solidariedade da luta antirracista em âmbito diaspórico. Acaba por antecipar, enfim, e em diálogo com o curta de Lee, lançado dezoito anos mais tarde, que são milhões os *brothers* vitimados pela violência policial em todo o mundo. O exemplo mais destacado da realidade paulistana e brasileira, pelos desdobramentos que provocou, é o do homem negro de 21 anos Robson Silveira da Luz, torturado e morto numa delegacia de polícia na zona leste de São Paulo, em maio de 1978. Sua morte foi um dos fatores que provocaram o famoso ato das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, que por sua vez resultou na já citada criação do MNU.⁶

Outra mensagem emitida pelo título do encarte diz respeito à autonomia do Movimento Negro Brasileiro em face da estrutura partidária, da qual faz parte a SNCR. Daí o enunciado "o combate ao racismo em movimento". Nunca é demais lembrar que a formação do Movimento Negro contemporâneo se dá no contexto da ditadura militar (1964-1985) e do processo de redemocratização do país, que a partir de 1978 possibilitou a reorganização pública dos movimentos sociais e dos partidos políticos, entre eles o próprio PT, fundado em fevereiro de 1980. De maneira que, ao redigir a apresentação do encarte, investido do primeiro mandato de secretário nacional de combate ao racismo do PT, Flávio Jorge Rodrigues estava bem cons-

ciente da oportunidade da sua mensagem para a militância petista, já que "debater o problema racial ainda era um assunto indigesto em nossa cultura política – sendo a classe considerada como a explicação para as grandes disparidades brasileiras" (Rios, 2014, p.184). Pode-se imaginar, portanto, o impacto da seguinte afirmação: "A despeito do isolamento político a que historicamente foi submetida, a luta antirracista se mostrou capaz de forçar o reconhecimento público da raça como elemento diferencial de direitos à cidadania" (RODRIGUES, 1996, p.3). Especialmente porque, como está indicado nos fac-símiles das três páginas destacadas da publicação, essa afirmação não aparece isolada, mas como parte de um conjunto de textos verbais e não verbais articulados entre si e que, elaborados por militantes do Movimento Negro Brasileiro, reforçam, cada qual à sua maneira, a mensagem do secretário.

Autor do último dos seis artigos constitutivos da publicação, Arnaldo Xavier (1996, p.31) define seu texto como um esforço de "compreensão da Cultura Negra, no Brasil, a partir da visão particularíssima de um poeta-escritor que busca nesta operação não separar a arte da vida, como uma desobediência político-existencial, desmontada de quaisquer ismos". Notemos que essa última expressão, "desmontada de quaisquer ismos", não é uma irreverência verbal gratuita, mas uma operação linguística coerente com a "desobediência político-existencial" a que o autor se propõe, livre do monitoramento doutrinário, que faz lembrar as touradas, das chamadas escolas literárias: trovadorismo, humanismo, classicismo, quinhentismo, arcadismo, romantismo, realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo, mas com destaque, certamente, para o modernismo, que tem Oswald de Andrade como um de seus protagonistas.

Para Xavier (1996, p.33), a Semana de Arte Moderna de 1922 é indiscutivelmente "um marco no que consiste a busca de uma definição de identidade cultural para o Brasil", mas também é, devido às suas omissões, "uma contemplação parcial do país", além de assinalar a "excludência do negro e a romantização do índio, com tal arbitrariedade na operação simbólica, que parecem hoje, mais que uma alegoria volátil, uma profecia macabra dos processos de genocídios a que negro e índio estão submetidos" (Xavier, 1996, p.33). Quanto ao Manifesto Antropófago de 1928, escrito por Oswald de Andrade, que logo entre a terceira e a quinta linha proclama "Tupi, or not tupi that is the question. / Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. / Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago", Xavier comenta (1996, p.33): "a frase 'só me interessa o que não é meu' revela não só dependência cultural externa, mas também sua expansão na direção interna". A tentativa frustrada de suprimir o Ôri de:

destruir valores profundos, de aviltar fundamentos vitais e intransferíveis dos povos negros, resultou na afirmação desses mesmos elementos

Manifesto Antropófago de 1928

Manifesto Antropófago de 1928, escrito por Oswald de Andrade, que logo entre a terceira e a quinta linha proclama “Tupi, or not tupi that is the question”

reprimidos. A disposição da resistência cultural desses elementos como constitutivos de uma cultura (negro-brasileira) cristalizada, com estatuto de um sistema etno-filosófico. (Xavier, 1996, p.33)

Ao longo do artigo de nove páginas, Xavier não menciona explicitamente o *to be or not to be* a que me refiro neste texto de maneira incontornável. Prefere concentrar sua atenção na crítica à apropriação que Oswald de Andrade faz do enunciado em inglês. E o faz com o devido reconhecimento da genialidade do escritor antropófago, cuja radicalidade se predispõe ao novo sem temor de perder a noção de ridículo. Afirma, no entanto, que a sua dialética

mediação entre o velho e o novo, o sagrado e o profano. O seu projeto estético sinalizado por uma irreverência incomparável. O seu discurso contracultural. O seu percurso experimentalista. A sua trajetória política. Residiam na absorção literal do invasor, o europeu: “é a carne, é a ideia”, a apropriação da sua ornamentalidade progressis-ta. (Xavier, 1996, p.34)

O exposto até aqui deve ser já suficiente, creio, para demonstrar que uma melhor compreensão do artigo implica a apreciação do todo complexo que da própria publicação e vice-versa. Exemplo disso é a passagem do artigo em que Xavier analisa as polêmicas em torno da gravação do videoclipe da música *They don’t care about us*, de Michael Jackson. A obra cinematográfica, como Jackson costumava tratar os seus videoclipes, sendo inclusive pioneiro nisso, foi dirigida por Spike Lee e filmada no Pelourinho, em Salvador (BA), e no morro Dona Marta, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1996, dois meses antes da publicação do encarte da SNCR. Arnaldo (1996, p.39) escreveu:

[...] a aliança tríplice Olodum/ Spike Lee/Michael Jackson ratifica a dimensão etnopolítica e cultural da

especificidade universalizante do negro. Os sinais luminosos da transgressão que une crianças negras e pobres do Brooklin, do Morro de Dona Marta e do Pelourinho. A mesma geografia de destino. O mesmo sentido de reconstrução de um caminho irreversível.

A passagem explica a inspiração do título do encarte e sugere, inclusive, que se trata de uma proposta do próprio Arnaldo Xavier, que teve, afinal, como único escritor-poeta entre as autoras e autoras da publicação, uma participação decisiva naquela iniciativa, como atesta a presença do poema “Beafricanção”, de sua autoria, na contracapa de “Faça a coisa certa” sutilmente sobreposto à representação de lansã (Epahey!), de modo a conotar uma fusão entre texto e imagem, uma coautoria entre ele e o artista plástico paulistano Samuel Santiago, autor dos textos não verbais do encarte. O poema ritualiza a passagem da historiadora sergipana Beatriz Nascimento, morta violentamente, vítima de feminicídio, aos 53 anos, justamente em janeiro do ano anterior, que, como já informei, celebra o Tricentenário da Imortalidade de Zumbi. Daí o fechamento do poema: “Beatriz do Nascimento QUE DOR”.

Por outro lado, o segundo verso, “BeaTriZ do Nascimento de Ôrí”, alude ao documentário lançado (ressalte-se!) no mesmo ano do filme “Faça a coisa certa” (1989). Escrito e narrado por Beatriz, e dirigido por Raquel Gerber, Ôrí se constitui de uma profusão aparentemente fragmentária de fenômenos ocorridos ao longo de uma década (1977 a 1988), organizados em uma narrativa audiovisual de pouco mais de uma hora e meia. Explica Beatriz, à certa altura de sua narração:

Orí significa a iniciação a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito, e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma, se complete com o seu passado, com o seu presente e com o seu futuro; com a sua origem e com o seu momento ali. (Ôrí,1989)

Quinze minutos depois ela retoma: “toda a dinâmica desse nome mítico, religioso, oculto, que é o Ôrí, se projeta a partir dos rompimentos, numa outra unidade, uma unidade primordial, que é a cabeça, que é o núcleo” (Ôrí, 1989). Ainda que a voz em *off* da narradora comente esse “nome mítico” enquanto imagens de um ritual de iniciação no candomblé são exibidas na tela, não se deve perder de vista que Ôrí é o título do filme, referindo-se, portanto, à totalidade do seu conteúdo – “cabeça articulada consigo mesma [...] numa outra unidade, uma unidade

Orí significa a iniciação a um novo estágio da vida

a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito

primordial” (Ôrí, 1989): o Atlântico, a Ilha de Gorée, no Senegal; a Quinzena do Negro, na USP; as distâncias e proximidades entre o grupo étnico Dogon, no Mali africano, e uma escola de samba de São Miguel Paulista, na zona leste paulistana, entre outros registros. De repente um sobrevoo de helicóptero (o recurso do drone é uma tecnologia mais recente) pelo território da Saracura. Depois, como se tivesse pousado no Piques, região que abrange a estação Anhangabaú do Metrô e a Praça da Bandeira, a câmera muda o seu modal de transporte e adentra o túnel da Avenida Nove de Julho – por baixo da qual corre canalizado o Saracura, que por sua vez se encontra com o Bixiga (Rua Japurá) e o Itororó (Avenida 23 de Maio) para desaguar no Piques e formar o Anhangabaú –, alcançando o ensaio da Escola de Samba Vai-Vai, a cerca de um quilômetro do Piques, e voltando a se posicionar no alto para flagrar a multidão que ocupa a rua.

Ocorre que no mesmo ano em que “Beafricanção” veio a público, veiculado em “Faça a coisa certa”, “Cadernos Negros” chegava ao volume 19, com a participação de 24 poetas. A escritora mineira Conceição Evaristo, que publicava assiduamente na antologia desde o volume 13 (1990), também ofereceu à memória de Beatriz Nascimento um poema, intitulado “A noite não adormece nos olhos das mulheres”:

A noite não adormece nos olhos das mulheres a lua fêmea, semelhante nossa em vigília atenta vigia a nossa memória.

A noite não adormece nos olhos das mulheres há mais olhos que sono onde lágrimas suspensas virgulam o lapso de nossas molhadas lembranças. A noite não adormece nos olhos das mulheres vaginas abertas retêm e expulsam a vida donde Ainás, Nzingas, Ngambeles

Orí significa a iniciação a um novo estágio da vida

a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito

e outras meninas luas afastam delas e de nós os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá jamais nos olhos das fêmeas pois do nosso sangue-mulher de nosso líquido lembradiço em cada gota que jorra um fio invisível e tônico pacientemente cose a rede. (Evaristo, 1996, p.26)

No ano anterior, dos trezentos anos da Imortalidade de Zumbi, veio a público a minha novela “Antes do carnaval”. Convidado pela editora a escrever a apresentação da obra, Arnaldo Xavier produziu, ao longo de 24 das 102 páginas do livro, um texto ao qual deu o nome de “O brilho de Abilio”, que se configura como uma “importante referência para os estudos de literatura negra no Brasil, particularmente porque extrapola as expectativas sugeridas pelo título” (Fonseca, 2011, p.378):

Durante o Projeto Zumbi-84, organizado pelo cineasta Ari Cândido Fernandes,⁷ escrevi uma crítica pesada sobre os “Cadernos Negros n. 7” para a minha participação numa mesa-redonda sobre literatura, no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Falava que havia uma excessiva tematização da problemática do negro nos poemas, de forma que retardava o processo de construção de uma consciência de linguagem etnoliterária, adequada aos novos tempos e às novas formas de atuação política, voltada para a retificação do destino do negro no Brasil.

[...] Lembro-me (e se me lembro!) que um dos pontos mais polêmicos do texto se referia ao formato da Roda de Poemas que o Quilombhoje então promovia. Achava que ela expressava um discurso de autoflagelo. E havia semelhanças com os cultos evangélicos ou palcos de camelôs nos logradouros públicos. Era um retrato desfocado do sofrimento negro. Uma autocaricatura. Um auto de ressentimento, disfarçado de resignação à luta, enlatado por irreverência verbal às meias-palavras. Um panfleto amassado pela ameaça permanente do efêmero.

^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]
^[...]



ção, compromisso e intervenções menos suicidas, que não acentuassem antipatias fraticidas e quizilismos. E chamou a atenção para o trabalho do então poeta revelação Abilio Ferreira. E fui conferir as pedras. Li e não gostei. (Xavier, 1995, p.9-12, grifo do autor)

Superada essa “quizila original”, Xavier aceitou o desafio proposto por Cuti e se aproximou do grupo, a ponto de se tornar um dos organizadores dos três encontros nacionais de poetas e ficcionistas negros brasileiros realizados de 1985 a 1987, e coautor de “Terramara” (1988), peça teatral escrita com o próprio Cuti e com Miriam Alves, escritora então integrante do Quilombhoje. Também chegou a publicar ficção nos volumes 10 (1987) e 12 (1989) de “Cadernos Negros”. “Nessa atmosfera efervescente conheci Abilio Ferreira, mas só o descobri no conto ‘A casa de Fayola’”. [...] Viramos corda & caçamba” (Xavier, 1995, p. 20, 23).

Ao fazer distinção entre as experiências de conhecer (“nessa atmosfera efervescente conheci Abilio Ferreira”) e descobrir (“mas só o descobri no conto ‘A casa se Fayola’”), colocando em destaque a mediação sempre oportuna da literatura, o poeta descreve um processo gradual de aproximação e aprofundamento, que se inicia em 1984 – entre a sua primeira leitura de “Cadernos Negros 7” e a conferência “das pedras”, isto é, dos meus poemas (“Li e não gostei”), passando pelo debate no Masp – e avança para o ano seguinte, quando teve contato com o conto mencionado, publicado em “Cadernos Negros 8”, até que nos conhecemos pessoalmente e viramos “corda & caçamba”. A “Quizila Original” e “Corda & Caçamba”, aliás, são os respectivos títulos dos segmentos 1 e 4, de um total de seis, que estruturam o pensamento de Axévier nesse texto. Um pensamento impactado, sem dúvida, por aquela “atmosfera efervescente”, que inclui, além da quizila de 1984, também os mencionados encontros nacionais de poetas e ficcionistas negros brasileiros, realizados em São Paulo (1985), no bairro carioca de Quintino (1986) e na cidade de Petrópolis (1987), também no estado do Rio de Janeiro.

Convém ressaltar, inclusive, que o seu primeiro ensaio-manifesto em “busca dhe hvma expressão literária negra” foi escrito especialmente para o primeiro desses encontros, do qual resultou o livro “Criação crioula, nu elefante branco” (1987), em que antecipa questões que seriam reelaboradas uma década mais tarde, em “Ori or not ori: eis a questão. Dha lamba à qvizila – a busca dhe hvma expressão literária negra”.

se revela como um texto híbrido: mescla de ensaio e manifesto; atrito entre excursos de índole tanto filosófica, quanto sociológica; diátribe e gravidade; pensar por conceitos, interpelar por trocadilhos. O raciocínio



Lembremos Beatriz Nascimento em Ôrí: “toda a dinâmica desse nome mítico [...] se projeta a partir dos rompimentos, numa outra unidade, uma unidade primordial”.

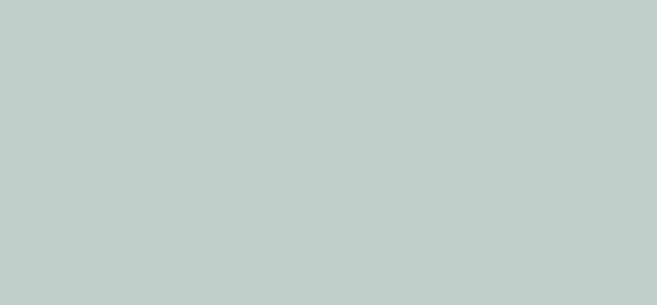
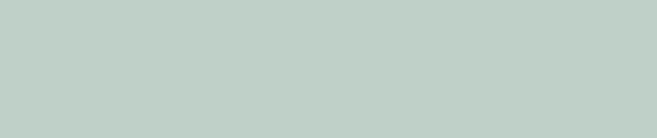
de Arnaldo se materializa num texto em que o esforço interpretativo está comprometido com o analógico, pois elege a paronomásia e o paródico como eixos de um discurso crítico nada normativo. Qualquer tentativa de exposição do conteúdo de Dha lamba à qvizila, ensaio que é o refratário às convenções do pensamento linear, precisa ser conciliada com as imagens e os compósitos verbais constitutivos de sua forma discursiva ou literária. (Augusto, 2023, p.50)

“Lamba” e “quizila” são palavras de origem yorubá. A primeira quer dizer “chicote ou tala de couro”. A segunda, muito mobilizada no candomblé, significa ter raiva de alguém ou recusar alguma comida ou bebida, “o que torna o título bastante provocador: ‘do chicote à raiva’, termos que bem se encaixam na proposta questionadora inerente à poética do escritor e em sua atividade crítica”(Guimarães, 2021, p.1). Poética que, por ser transnegressora, é também ontológica, ritualística, conforme Sodré em “Verdade seduzida”, de uma pessoa que se sabe força vital, mas que está em relação íntima e pessoal com outras forças. Enquanto na ordem moderna a verdade se impõe aos atores sociais, “na ordem arcaica, a fala que sustenta a elaboração do real está na mesma escala dos parceiros da troca ritualística” (Sodré, 1983, p.132).

Lembremos Beatriz Nascimento em Ôrí: “toda a dinâmica desse nome mítico [...] se projeta a partir dos rompimentos, numa outra unidade, uma unidade primordial”. Assim, a substituição do “ser” shakespeareano pelo “Ôri” talvez seja a mais completa tradução de um projeto transnegressor coletivo, já que seduz a verdade ocidental, como aliás adverte Sodré em outro de seus livros:

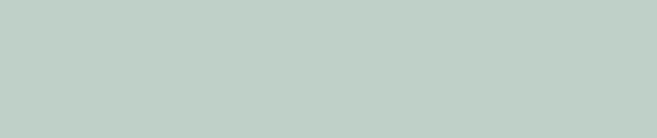
Diferentemente da metafísica ocidental de inspiração judaico-cristã, que entende o ser como algo estático, como “aquilo que é”, o pensamento banto equipara ser a força. A força não é um atributo do ser, mas o próprio ser, encarado numa perspectiva dinâmica (e não estática, tal como se dá na ontologia judaico-cristã): o mundo não “é”; o mundo se faz, acontece. (Sodré, 2002, p.93)

Eis toda a questão.



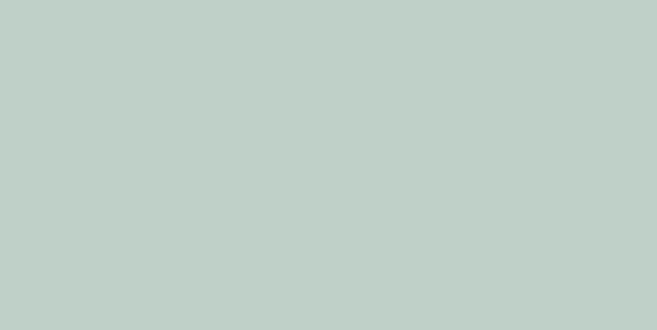
AUTOR
Abilio Ferreira integrou o grupo Quilombhoje Literatura de 1984, a 1990, tendo também participado de sete dos 45 volumes da antologia anual “Cadernos Negros. Autor de Fogo do olhar” (Quilombhoje/Mazza, 1989) e “Antes do carnaval” (Selinunte, 1995), Ferreira está entre os escritores cuja produção é estudada na antologia crítica “Literatura e afro-descendência no Brasil” (UFMG, 2011). É coautor de “São Paulo terra de toda gente” (2011), “Origens da presença negra em Guarulhos” (2013) e coautor e organizador de “Tebas: um negro arquiteto na São Paulo escravocrata” (2018). Especialista em Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular pela UNIFESP, e mestrando no Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH/USP, está entre as pessoas que fundaram e que coordenam, desde setembro de 2020, o Instituto Tebas de Educação e Cultura

NOTAS
1. A publicação está disponível na Fundação Perseu Abramo – Partido dos Trabalhadores e pode ser acessada em: https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2020/11/doc_0001-2.pdf.
2. Desde 1961 a sede do Teatro Oficina, fundado em 1958, fica na Rua Jaceguai, 520, num terreno de 10.823 metros quadrados pertencente ao Grupo Silvio Santos e delimitado pelas ruas Abolição, Japurá e Santo Amaro. Por baixo desse terreno passa o Rio Bixiga, que vai desaguar no Anhangabaú, junto com os rios Saracura e Itororó, hoje canalizados, respectivamente, sob as avenidas Nove de Julho e 23 de Maio. Para saber mais: https://linktr.ee/parquedobixiga.
3. Para saber mais sobre o grupo Palmares, consultar: https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/50-anos-dos-20/.
4. Sobre o Tricentenário mencionado, ver: https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/jornal-da-marcha-300-anos-da-imortalidade-de-zumbi-dos-palmares.
5. Para saber mais sobre o curta de Spike Lee, acessar https://www.b9.com.br/126896/novo-curta-de-spike-lee-une-morte-de-george-floyd-com-a-de-radio-raheem-em-faca-a-coisa-certa/.
6. Para saber mais sobre o assassinato de



AUTOR
Robson Silveira da Luz, consultar https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/apos-43-anos-processo-do-assassinato-que-motivou-criacao-do-mnu-vem-a-publica/.
7. Ari Cândido Fernandes, fotógrafo e cineasta, responsável pela Assessoria de Assuntos Afro-Brasileiros da Secretaria Estadual da Cultura de São Paulo na gestão 1983-1986, e pela criação do Projeto Zumbi, evento anual que se estendia por todo o mês de novembro.
8. Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, um dos fundadores da antologia “Cadernos Negros”, em 1978, e também do Quilombhoje, em 1980.

REFERÊNCIAS
ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropofágico. **Revista de Antropofagia**, n. 1, 1928.
AUGUSTO, Ronald. **Transfiguração e transgressão do conceito de literatura negra**: a conquista da invenção na poesia de Eliane Marques e Marcelo Ariel. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.
BOLLE, Willi. A cidade como escrita. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992
SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. **Cadernos Negros 19**, São Paulo, Quilombhoje, 1996.
FERREIRA, Abilio. **Cadernos Negros 7**. São Paulo: Quilombhoje, 1984.
_____. **Cadernos Negros 8**. São Paulo: Quilombhoje, 1985.
_____. **Antes do carnaval**. São Paulo: Selinunte, 1995.
FERREIRA, Abilio (Org.). **Tebas**: um negro arquiteto na São Paulo escravocrata. São Paulo: Idea, 2018.
FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afro-descendência no Brasil**: Antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
Ôrí. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais, 1989. vídeo (131 min.).
GUIMARÃES, Gilmara. **A trans(ne-)gressão poética de Arnaldo Xavier**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2021. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/208-critica-de-autores-



masculinos/170-a-trans-ne-gressao-poetica-de-arnaldo-xavier. Acesso em: 29 mar. 2024.
RIOS, Flavia. **Elite Política Negra no Brasil**: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
RODRIGUES, Flavio. Apresentação. **Revista Teoria e Debate**, Faça a coisa certa: o combate ao racismo em movimento [encarte], Fundação Perseu Abramo, n. 31, abr. 1996.
ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
RONALD, Augusto. **Transfiguração e transgressão do conceito de literatura negra**: a conquista da invenção na poesia de Eliane Marques e Marcelo Ariel. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.
ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
SECRETARIA NACIONAL DE COMBATE AO RACISMO DO DIRETÓRIO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Revista Teoria & Debate**, Faça a coisa certa! O combate ao racismo em movimento [encarte], São Paulo, n.31, abr. 1996.
SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/Imago, 2002.
XAVIER, Arnaldo et al. Contra mão: poemas. São Paulo: Edições Pindaíba/Poesias Populares, 1978.

_____. Dha lamba à qvizila – a busca de hvma expressão literária negra. *In*: ALVES, Miriam; CUTI, Luiz Silva; XAVIER, Arnaldo (Orgs.). **Criação crioula, nu elefante branco**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura/ Imprensa Oficial, 1986.
_____. Ori or not ori – eis a questão. **Revista Teoria e Debate**, Faça a coisa certa: o combate ao racismo em movimento [encarte], Fundação Perseu Abramo, n. 31, abr. 1996.
XAVIER, Arnaldo; Cuti; ALVES, Miriam. **Terramara**. São Paulo: Ed. dos Autores, 1988.
XAVIER, Arnaldo. O brilho de Abilio. *In*: FERREIRA, Abilio. **Antes do carnaval**. São Paulo: Selinunte, 1995.